



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DAYSELENE SOUSA DA SILVA

A SUPERAÇÃO DO MEDO NA ATIVIDADE DE ARVORISMO

Castanhal-Pará

2018

DAYSELENE SOUSA DA SILVA

A SUPERAÇÃO DO MEDO NA ATIVIDADE DE ARVORISMO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Professor Dr. Daniel Alvarez Pires

CASTANHAL – Pará

2018

DAYSELENE SOUSA DA SILVA

A SUPERACÃO DO MEDO NA ATIVIDADE DE ARVORISMO

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado, para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física pelo corpo docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará.

Banca examinadora:

Orientador: Prof^o. Dr. Daniel Alvarez Pires
Universidade Federal do Pará- UFPA

Membro: Prof^a. Dr. Mirleide Chaar Bahia
Universidade Federal do Pará- UFPA

Membro: Prof^a. Msc. Martha de Souza França
Universidade Federal do Pará- UFPA

Apresentado em: ____/____/____

Conceito: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à pessoa que carinhosamente eu chamava de Pai, Milton Corrêa Martins da Silva, que teve grande responsabilidade na minha criação, me dando o seu amor incondicional, ensinando sobre a vida, sobre ser feliz e sobre amar o próximo. Infelizmente, não estás mais nesse plano pra compartilhar essa alegria junto comigo, gostaria muito que estivesses sentado na platéia da minha defesa, assim como tu esteves em todas as platéias que a vida nos proporcionou, isso é resultado da tua incansável dedicação em educar e formar tuas filhas. Tu acordavas cedinho durante toda a minha fase escolar e deixava tudo pronto pra quando eu acordasse e em tudo colocava a tua dose de alegria que sempre se renovava. Não esqueço nenhum detalhe teu, não há um dia que eu viva e não lembre de ti, não há uma decisão que eu tome e me pergunte se tu sentirias orgulho e não há uma vitória que eu não dedique a ti, continuas sendo a minha inspiração e a força para eu seguir em frente, além de ser a estrela no céu que me guia, tu és também o meu coração que bate ai.

AGRADECIMENTOS

Grata à Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, por ter iluminado e protegido toda minha caminhada, sem Ele nada sou e nem chegaria até aqui.

*Aos meus pais **Gracilene Sousa, Rocivaldo Souza, Roseli Souza e Milton Corrêa**, meus maiores exemplos. Obrigada por cada incentivo e orientação, por cada suor que vocês tiveram que derramar pra me dar o essencial, pelas orações em meu favor, pela preocupação para que estivesse andando pelo caminho certo, pelo amor verdadeiro, cuidado diário, pela liberdade de poder escolher, por me apoiarem em qualquer decisão e acreditarem em mim mesmo quando as batalhas são difíceis, gratidão eterna!*

*Aos meus irmãos **Dayse Mayara, Murilo Souza, Desiane Monteiro**, por aguentarem todas as minhas “chatices” e tensões que a universidade me proporcionou, por acreditarem em mim e no meu potencial.*

*Ao professor **Daniel Alvarez Pires** pela paciência e ensinamentos repassados, por ter acreditado nesse trabalho e contribuído para a realização do mesmo e por ter despertado em mim o amor pela psicologia do esporte.*

*Às minhas amigas **Dávila Silva, Gleicy Oliveira, Mônica Cioffi, Juliana Monte e Jéssica Moraes**, por terem me acompanhado nessa jornada ou pelo menos em parte dela, por terem sido abrigo e me darem abrigo em momentos angustiantes, por cada aprendizado, pelo amor que recebi, pela sintonia que tivemos desde o primeiro instante e por nunca terem soltado a minha mão, são os presentes que a Educação Física me deu, são as minhas irmãs de alma e coração. Um dia ouvi dizer que os amigos que fazemos na universidade são os melhores, duvidei, mas hoje eu tenho certeza disso, só nós sabemos o quanto cada uma completou e deu força pra outra, espero que essa cumplicidade seja prolongada e nunca percamos umas às outras, levarei vocês eternamente comigo.*

*Às **Q.U.E.N.G.A.S** por toda preocupação, incentivo e compartilhamento de alegria desde o início, por regarem essa amizade com verdade, respeito e oração.*

*À minha amiga-irmã **Arlene Cabral**, pelas incontáveis demonstrações de afeto e amizade, por todo ombro dado, pela confiança que deposita em mim e por ser uma das principais espectadoras das minhas conquistas, por ser e estar presente na minha vida.*

*À **Família Amazônia Aventura**, em especial ao **Bruno Borges, Marcos Santos, Karol Oliveira, Netinho, Luiz Airoso, Daniel Oliveira e Oliver Lisboa**, por todos os ensinamentos, alegrias, puxões de orelha, oportunidades e aventuras que compartilhamos, por me mostrarem a vida de uma forma ousada e desafiante, sou eternamente grata pelas contribuições no meu crescimento pessoal e profissional.*

*À **Família Carpe Diem Lazer e Aventura**, em especial à **Jessica Suliane** que acreditou no meu potencial, sempre me incentivou a buscar ser melhor e valorizou a individualidade de todos, tenho certeza que valeu a pena todos os dias de suor e riso.*

*Aos meus amigos que fizeram parte do melhor convênio do Alfa, **Matheus Gomes, Mariana Rodrigues, Rafaela Aimê, Luciana Patrícia** pela alegria infindável que é estar com vocês, e principalmente à **Milena Matos** que sempre me acompanhou, dividiu sonhos e realizações comigo, estar com vocês é sinônimo de felicidade.*

*Ao meu amigo de turma, e também meu co-orientador, **Diego dos Reis**, pelas inúmeras ajudas neste trabalho, pela paciência e companheirismo.*

*À minha querida e singular **turma 2014.1**, só nós sabemos o quanto valeu a pena toda batalha e o quanto tem sido compensador saber que estamos chegando ao final dela, carrego em mim o jeitinho de cada um que deu vida e forma à essa turma, apesar de nem tudo ser só flores, pude aprender com cada desentendimento e pontos de vistas diferentes, essa relação é como a de irmãos, que brigam mas 5 minutos depois já estão se amando. E como bons irmãos que somos, temos uma mãe em comum, **Déborah de Araújo Farias** que sintonizou conosco desde o primeiro dia em que chegou, nos carregou no colo e deu puxões de orelha, muitos inclusive, mas eu sou grata por cada um deles e por todos momentos de alegria que nós compartilhamos, essa relação foi além de professora-aluna, grata por ter me orientado mesmo que por uns meses e aprender muito com isso, grata pelo abrigo, pelas caronas e por nos escolher.*

*Às professoras **Alessandra Tomás e Martha Souza**, que junto da Déborah formaram um trio imbatível e talvez nem tenham noção, mas em um curto tempo me ensinaram coisas que vou levar pra vida, o amor e comprometimento pela docência/pesquisa foi contagiante, obrigada por ter dado mais vida à minha formação!*

*À aventureira mais linda, **Mirleide Chaar Bahia**, pelos incontáveis momentos que me proporcionou, por cumprir o seu papel na docência tão dignamente e emanar esse amor todo que carrega no peito, tem uma beleza que não está só nos cabelinhos loiros e olhos verdes, mas também no coração que é gigante, gratidão por ter me tornado um ser humano mais humanizado com a sua forma de sentir o mundo e as pessoas.*

*À todos os professores da **Faculdade de Educação Física**, que ao longo desses 4 anos contribuíram com a minha formação acadêmica e crescimento pessoal.*

*Aos **participantes** desta pesquisa que pacientemente dedicaram um pouco de seu tempo e experiência. Sem dúvidas, foram fundamentais para o alcance dos objetivos.*

*Às tias da limpeza, **Tia Francisca, Loira e Eliane**, que foram verdadeiras mães e sempre tinham algo a oferecer quando o desânimo batia, os inúmeros abraços, elogios e carinhos que recebi foram fundamentais, gratidão por fazerem essa universidade todo dia, sempre cumprindo o trabalho com amor e alegria.*

*Ao **movimento estudantil**, que me ensinou muito, me proporcionou vivências únicas e me presenteou com seres humanos comprometidos com o bem estar social, entre estas pessoas, estão principalmente meus companheiros **Márcia Palheta, Giseli Gaia, Juana Borges, Diogo Tavares e as minhas desocuplaces**, valeu ter de fato vivido a universidade com vocês e lutarmos juntos por um ideal.*

Por fim, agradeço às pessoas que chegaram na minha vida ou que passaram por esse ciclo que se encerra e que puderam contribuir muito, me dando força e coragem de seguir em frente, desde o primeiro semestre até o último pude conhecer pessoas maravilhosas que me tiravam das costas o peso do dia-dia e o cansaço mental.

RESUMO

A busca pelo lazer tem se intensificado, promovendo assim uma revalorização de atividades em meio a natureza, que causam um certo distanciamento do cotidiano e suscitam sentimentos diversificados. O objetivo deste estudo é investigar os processos de superação do medo para a realização da atividade de arvorismo e situações desencadeadoras deste estado emocional. Participaram do estudo 20 indivíduos, sendo 10 condutores de turismo de aventura, e 10 iniciantes das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) de ambos os sexos. Foi utilizada a técnica de entrevista para coletar as informações, a partir de um roteiro do tipo semiestruturado. Para o tratamento dos dados coletados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Os resultados se revelaram em quatro categorias com suas respectivas unidades de registro sendo a primeira relacionada aos fatores que influenciaram a aderência da prática, a segunda refere-se às expressões de sentimentos advindos da prática, a terceira é referente às estratégias utilizadas pelos participantes para dar continuidade à atividade, e por último foi evidenciada a categoria referente às relações do condutor com o medo do participante. O presente estudo revelou que o sentimento de medo não foi limitador para o sucesso da atividade, e o modo como os condutores reagem e tratam os praticantes tem sido adequado para auxiliar no sucesso da atividade.

Palavras-Chave: Medo, Atividades Físicas de Aventura na Natureza, Superação.

ABSTRACT

The search for leisure has intensified, thus promoting a reevaluation of activities in the midst of nature, which cause a certain distance from the daily life and arouse diverse feelings. The objective of this study is to investigate the processes of overcoming fear to perform the activity of canopy and trigger situations of this emotional state. Twenty individuals of both sexes participated in the study, of which 10 were adventure tourism drivers, and 10 were initiates of Physical Activity Activities in Nature (AFAN). The interview technique was used to collect the information, based on a semi-structured script. The content analysis technique proposed by Bardin (2011) was used for the data analysis. The results were revealed in four categories with their respective recording units. The first one related to the factors that influenced the adherence of the practice, the second refers to the expressions of feelings arising from the practice, the third refers to the coping strategies used by the participants to give continuity to the activity, and finally the category regarding the driver's relationship with the participant's fear was shown. The present study revealed that the feeling of fear was not a barrier to the success of the activity, and how drivers react and treat practitioners have been adequate to aid in the success of the activity.

Keywords: Fear, Physical Adventure Activities in Nature, Overcoming

INTRODUÇÃO

A busca do ser humano pelo lazer tem se intensificado desde a época pós-revolução industrial, época esta que afetou a qualidade de vida dos trabalhadores por fatores desgastantes como a jornada de trabalho. Sob esta perspectiva, Carnicelli Filho (2007) diz que tem início um processo lento, porém crescente, de conscientização de que o descanso, assim como a atividade física em contato com o meio natural, podem representar fatores vitais para uma vida com mais qualidade, o que promove a revalorização de algumas atividades do contexto do lazer, sobretudo aquelas que enfatizam a aproximação humana com o ambiente natural.

Atividades de aventura têm ganhado cada vez mais espaço, seja como competição ou apenas como alternativa de lazer. Segundo os autores Betrán e Betrán (2006), as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) manifestam um caráter recreativo, tendo em sua essência o risco, aventura e diversão, estas atividades proporcionam uma fuga temporariamente do ambiente urbano, possibilitando vivências de emoções diversificadas, sensações de viver momentos desconhecidos com riscos controlados e perigos imaginários.

As diversas manifestações de sentimentos em uma AFAN podem estar comumente ligadas aos riscos propostos, a exemplo disso, aponta-se o arborismo, uma AFAN feita entre copas de árvores que consiste em atravessar as plataformas já montadas com diferentes tipos de obstáculos, podendo ter graus variados de dificuldade. Nesta atividade, faz-se necessário o uso de equipamentos de segurança, como: capacete, *baudrier* (cadeirinha), luvas, fita tubular e mosquetão¹, uma vez que há riscos reais de desequilíbrio e conseqüentemente de quedas. Segundo a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA, 2017), esta é uma atividade democrática, de crianças a idosos, pois há diferentes níveis de percurso capazes de atender a qualquer pessoa, sem a necessidade de um preparo físico específico.

Medo e ansiedade são alguns sentimentos mais utilizados na literatura da área da psicologia para descrever um estado desagradável de apreensão. Segundo Öhman (2008), estes são fenômenos emocionais intimamente relacionados que se originam em sistemas evoluídos de defesa de mamíferos, são obviamente sobrepostos, estados aversivos e ativados

¹ Elo de aço ou alumínio com um gatilho para permitir a passagem corda ou conexões com outros equipamentos.

centrados na ameaça. Ambos envolvem sentimentos negativos intensos e mudanças comportamentais.

De acordo com Baptista (2000), as compreensões sobre as origens da manifestação do medo estão calcadas em duas teorias: a perspectiva evolutiva ou filogenética, e a perspectiva desenvolvimentista ou ontogenética. A teoria evolutiva defende a ideia que os medos são heranças de anos de evolução, desde as situações até ambientes que assustavam nossos ancestrais. Já a desenvolvimentista sustenta a ideia de que os medos podem aparecer e desaparecer constantemente ao longo da vida. Este trabalho se baseia na teoria ontogenética, pois acredita-se na hipótese de superar medos através da atividade proposta.

No ambiente esportivo, não é somente o sentimento de prazer que determinada atividade pode trazer aos seus adeptos, mas o medo também está inserido. Ainda que seja um atleta de alta categoria, este sentimento pode ser causado por inúmeros motivos e já foram expressos em diversos estudos (ARAÚJO *et al.*, 2017; DUARTE, 2008; LAVOURA; MACHADO, 2008).

Ainda que já tenham estudos relacionados a emoções e reações na prática esportiva (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008; SPINK; ARAGAKI; ALVES, 2005), estudar especificamente o medo nas atividades de aventura dará abrangência às discussões relacionadas ao tema e fundamentação teórica, levando em conta a importância de tal reação. Para profissionais envolvidos com as AFAN é relevante o conhecimento deste fator psicológico que surge em diversas atividades e muitas vezes não se tem ciência de como lidar com esta situação. Portanto, a aproximação com a prática do arvorismo provocou em mim o interesse em compreender como indivíduos em situações diversas de medo buscam testar seus limites e demonstrar autossuperação, bem como quais fatores são determinantes para a realização pessoal.

Haja vista a importância do tema, o objetivo deste estudo é investigar os processos superação do medo para a realização da atividade de arvorismo e situações desencadeadoras deste estado emocional.

MÉTODO

Natureza da pesquisa

Para o desenvolvimento deste estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa. Segundo Martins (2004), neste tipo de pesquisa, é preciso entender primeiramente o fenômeno estudado pelo modo e perspectiva dos participantes, para a partir disso captar os pontos mais relevantes, possibilitando deduções legítimas e reproduzíveis dos dados, adequando-os ao contexto realizado. O estudo também é de caráter descritivo e exploratório, que consiste na descrição das características de determinadas populações ou fenômenos e proporciona maior familiaridade com o problema (GIL, 2008).

Participantes

Participaram desta pesquisa 20 indivíduos adultos, acima de 18 anos, de ambos os sexos, com níveis de escolaridade diversificados. Desse quantitativo, 10 eram condutores de turismo de aventura que acompanham e auxiliam nas atividades, sendo 6 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com faixa etária média de $23,4 \pm 4,32$ anos e tempo médio de atuação de 2,4 anos. Os condutores são formados através do curso de condutor de turismo de aventura, oferecido pela empresa responsável em administrar o arvorismo, este curso tem duração de 3 dias em regime de acampamento, com módulos que vão desde trabalho em altura à atendimento pré hospitalar. Os outros 10 sujeitos que fizeram parte da amostra eram pessoas que estavam frequentando o Complexo Ecológico Parque dos Igarapés e decidiram participar espontaneamente do circuito de arvorismo, com média de idade de $24,9 \pm 4,22$ anos, sendo 7 mulheres e 3 homens.

Alguns fatores foram utilizados para critério de inclusão: idade igual ou maior que 18 anos, vivenciar pela primeira vez o arvorismo (entre os(as) praticantes) e experiência em conduzir o arvorismo (entre os(as) condutores), considera-se ter experiência àquele que está apto a conduzir a atividade sem a supervisão e ajuda dos condutores mais antigos.

Instrumentos

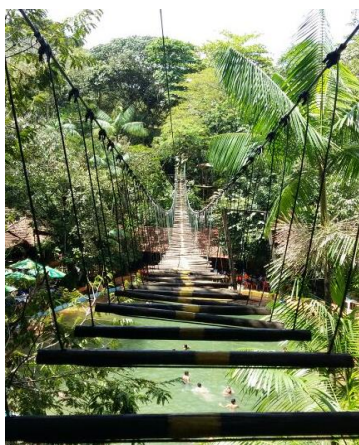
Para coletar informações foi utilizada a técnica de entrevista, a partir de um roteiro do tipo semiestruturado (Apêndice A), uma vez que neste tipo de roteiro, o entrevistador pode explorar melhor algumas questões, com perguntas abertas ou fechadas. Para Gaskell (2002), esta técnica proporciona uma interação com influência recíproca entre entrevistador e entrevistado, fornecendo fundamentação teórica e orientação prática para a pesquisa qualitativa, tendo sempre como objetivo uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Procedimentos

Inicialmente foi feita a pesquisa exploratória, no Complexo Ecológico Parque dos Igarapés em Belém-PA, a qual foi importante para a observação acerca do tema com a população envolvida. Este Complexo está localizado próximo à área central da cidade e dispõem de pelo menos 160 mil metros quadrados com piscina natural, área ambiental preservada, restaurante, hotel e estrutura de arvorismo.

O arvorismo completo possui 450 metros de extensão, com altura que pode variar de 8 à 12 metros, assim também como as extensões das pontes, que podem variar de 10 à 80 metros. Neste trabalho utilizou-se apenas a ponte e a tirolesa de 80 metros, como pode-se ver nas imagens a seguir.

1a



1b



Figuras 1a. Ponte, **1b.** Tirolesa.

Fonte: A autora

Diante da pesquisa exploratória, as pessoas que se propusessem a praticar o arvorismo eram abordadas e apresentadas aos objetivos e propostas do estudo. A partir da resposta positiva, eram dados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: o recolhimento da assinatura dos participantes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) até a entrevista de fato.

Os participantes responderam às questões da entrevista antes da prática e voltaram a responder logo após o término da atividade. Todas as entrevistas foram feitas distantes da aglomeração de pessoas, para que assim o entrevistado se sentisse confortável em responder. Para a gravação da entrevista, utilizou-se o gravador de voz do celular. Após o término das entrevistas, os arquivos de áudio foram transferidos para o computador e transcritos integralmente para facilitar a análise de dados.

Análise de dados

Os dados coletados foram analisados descritivamente por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático proposta por Bardin (2011), que busca fragmentar os textos objetivando evidenciar apenas o que é significativo das respostas, facilitando a compreensão dos resultados. Essa técnica se refere ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos.

Para Bardin (2011, p. 35), a Análise de Conteúdo é não só um instrumento, mas um “leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Seguem-se vários caminhos, inclusive dando margem a pesquisas de natureza quantitativa ou qualitativa.

Para a interpretação de mensagens e enunciados, Bardin (2011) apresenta três critérios de organização de uma análise dividindo-os então por fases, sendo: I) pré-análise, II) exploração do material e III) tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Na primeira fase, o objetivo é sistematizar para conduzir os processos da análise, fazendo, portanto, a organização e escolha dos documentos que serão analisados, formulação de hipóteses e elaboração de indicadores para a interpretação final, para isso, Bardin (2011) sugere observar as principais regras: (i) exaustividade, sugere-se esgotar todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; (ii) representatividade, preocupa-se com amostras que representem o universo; (iii) homogeneidade, nesse caso os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; (iv) pertinência,

é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa; e (v) exclusividade, um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Na segunda fase, são escolhidas as unidades de codificação, classificação e categorização, processo em que os dados serão transformados sistematicamente. Na perspectiva da análise do conteúdo, as categorias são vistas como rubricas ou classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns (SANTOS, 2012).

Por fim, na terceira etapa, baseado nos resultados, busca-se torná-los significativos e válidos, para isso a interpretação vai além do que estão postos nos documentos. A inferência na análise de conteúdo se orienta por diversos polos de atenção, que são os polos de atração da comunicação. É um instrumento de indução (roteiro de entrevistas) para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores, referências). A interpretação é a retomada ao referencial teórico para dar embasamentos às análises de dados (BARDIN, 2011).

RESULTADOS

A partir da análise de conteúdo, os dados obtidos foram organizados em quadros e categorizados em unidades de registro e unidades de contexto. A unidade de registro significa uma unidade a se codificar, podendo ser um tema, uma palavra ou uma frase (BARDIN, 2011). As unidades de contexto correspondem às falas dos participantes que são utilizadas para codificar as unidades de registros.

Os resultados foram classificados e apontados em quatro quadros: a) Fatores que influenciam a realização da prática do arvorismo (Aspectos Antes da Prática); b) Expressões de sentimentos advindos da prática (Aspectos do medo); c) Estratégias utilizadas para dar continuidade à atividade (Aspectos do enfrentamento); d) Relações do condutor com o medo do participante (Aspectos do condutor).

Fatores que influenciam a realização da prática do arvorismo

A participação no arvorismo apresentou uma procura pela diversão e fuga da rotina. A partir das falas dos participantes, buscar novos desafios, sensações e superar o medo (QUADRO 1) foram primordiais na aceitação de praticar esta AFAN, destacando que a observação despertou a curiosidade de experimentar o desconhecido e a descoberta de novas

emoções, por mais que o medo estivesse presente, este mesmo sentimento divergiu com a vontade participar, sendo assim o circuito foi visto como uma oportunidade na busca pela autossuperação.

Quadro 1. Categoria Aspectos Antes da Prática.

Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Buscar novos desafios e sensações	<p>P1: [...] tô um pouco nervosa e ansiosa, quero saber como é que é a sensação.</p> <p>P2: [...] quero mesmo participar de uma aventura.</p> <p>P5: [...] queria saber como era né, ver se era legal, qual era a adrenalina que a gente ia sentir, se bem que eu nunca tinha subido [...] tô um pouco nervoso e curioso né, que é um pouco alto e acho que é meio difícil [...].</p>
Superar o medo	<p>P3: [...] ver que tá todo mundo fazendo, parece bem legal e eu resolvi tentar também [...] vontade de ir mas ao mesmo tempo medo [...].</p> <p>P6: [...] eu tenho medo de altura mas eu quero saber como é.</p> <p>P7: Curiosidade, e além, procurar me divertir e superar o medo.</p>

Expressões de sentimentos advindos da prática

Tendo em vista que o medo foi um sentimento presente mesmo antes de iniciar a prática, no Quadro 2, percebe-se que este sentimento ainda permaneceu durante a atividade, tendo suas formas de manifestações mencionadas a partir de uma ótica das alterações fisiológicas, o que lhes foram causadas pelo sentimento de insegurança e incômodo da altura existente.

Quadro 2. Categoria Aspectos do medo.

Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Manifestação do medo	<p>P1: Eu senti no início um tremor no corpo[...].</p> <p>P6: [...] eu senti muito medo, um frio na barriga, muito nervoso [...].</p> <p>P10: [...] quase que as minhas pernas ficaram lá, as bichinhas todas bambinhas já querendo desistir [...].</p>
Causas do medo	<p>P4: Senti medo porque como eu falei, eu pensei que não tava segura [...] ah o que me causou medo foi a altura [...].</p> <p>P5: [...] o balanço do coisa ali, com medo de cair, desequilibrar e cair.</p> <p>P7: A altura principalmente e a sensação de insegurança [...] o fato de balançar muito, aí batia o vento, virava meio de lado, enfim.</p>

Estratégias utilizadas para dar continuidade à atividade

Em relação ao enfrentamento do medo, foram observadas em unidades de registros algumas estratégias de *coping* com destaque na literatura, com alguns aspectos de

concentração sobre a resolução do problema, mudança de comportamento perante os desafios e o autocontrole, não houve a vontade de retroceder e/ou desistir da atividade, o que pôde despertar uma motivação intrínseca nos participantes fundamental para obtenção de êxito, bem como se percebeu que o comportamento em função do problema se baseou no desfoque sobre o sentimento, resultando então no seu desaparecimento. Os comandos dados pelo instrutor também serviram como inspiração para proceder e ultrapassar as barreiras do medo.

Quadro 3. Categoria Aspectos do enfrentamento.

Unidade de Registro	Unidade de Contexto
<p>Suporte Social Caracteriza-se pelo desejo ou necessidade de ajuda. (TAP; COSTA; ALVES, 2005)</p>	<p>P5: [...] deu uma instrução ótima e foi que onde eu me inspirei pra poder prosseguir.</p>
<p>Autocontrole Consiste no autocontrole da situação, na coordenação dos comportamentos e na contenção das emoções. (TAP; COSTA; ALVES, 2005)</p>	<p>P1: Eu tinha que sair de lá, então eu tinha que prosseguir [...]. P6: Deixar o medo de lado e seguir em frente e eu colocar na minha cabeça que eu ia conseguir e enfim, praticamente né assim até o medo foi embora quando eu coloquei na minha cabeça que eu ia conseguir, não ia cair e fui embora, pra frente. P7: [...] se eu não fosse eu ia ficar no meio, então eu tinha que chegar lá [...] da feita que deu o primeiro passo não dá mais pra voltar. P8: Bem, a vontade de completar né, o objetivo de chegar do outro lado, chegar lá e voltar na tirolesa, a vontade de, que é poucas chances que a gente faz isso na vida né então isso que faz a gente continuar.</p>

Relações do condutor com o medo do participante

Esta relação está bem próxima, pois o medo surge de ambas as partes, e o condutor faz uso de sua experiência para identificar e traçar estratégias motivadoras como contar histórias de superação, para a realização do percurso, sendo estas adotadas principalmente desde o início da atividade, uma vez que as reações fisiológicas causadas pelo medo, em sua maioria se manifestam nesse momento. Fica evidente que sentir-se responsável por alguém é a principal causa de medo nos condutores, pois qualquer falha pode colocar vidas em risco, no entanto, o foco é a atenção do estado emocional do cliente que dependendo de como estejam, são acalmados através de conversas e explicações técnicas. Por fim, os condutores utilizam de vivências passadas de pessoas que enfrentaram o medo e concluíram a atividade, sempre expressando bom humor para distraí-los e os encorajarem.

Quadro 4. Categoria Aspectos do condutor.

Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Constatação do medo nos praticantes	<p>C4: [...] tá muito relacionado com outros tipos de sentimentos também, é, por exemplo ansiedade, a pessoa também pode ficar desse jeito (paralisada), pode acontecer dela travar sabe, e ter uma crise de qualquer forma e, no medo também pode acontecer esse tipo de coisa.</p> <p>C7: É estado de choque, é sudorese excessiva, huum, gagueira e por aí vai.</p> <p>C8: O medo ele, geralmente pode causar paralisia na pessoa ou excitação.</p>
Medo de ser insuficiente	<p>C1: Eu tenho medo de cometer alguma falha e alguém se machucar.</p> <p>C2: [...]no caso que alguém sofra algum acidente estando sobre minha responsabilidade no momento ou que talvez eu não consiga vim ajudar alguém se estiver precisando naquele momento ali.</p> <p>C6: [...] você se responsabiliza por aquela pessoa então qualquer imprevisto, qualquer acidente, é sua responsabilidade, então sendo um condutor, sendo uma condutora a responsabilidade aumenta muito [...].</p>
Reação com o medo dos praticantes	<p>C2: [...] eu fico conversando dizendo que não vai acontecer nada de errado que o equipamento de segurança tá ali justamente pra proteger ele pra evitar que ocorra qualquer tipo de acidente, busco conversar pra que ele se tranquilize a respeito daquilo, da atividade que ele vai fazer.</p> <p>C4: [...] A gente tem que acalmar o cliente, então não é muito viável que a gente se altere ou fique nervoso, então acalma e vai ajudar o cliente no que ele precisa, se a gente ver que ele consegue praticar a atividade, tudo bem, a gente vai convence ele, ajuda, faz o que a gente pode [...].</p> <p>C7: Converso, tento acalmá-lo, passar segurança, é, passar informações sobre o equipamento, na maioria das vezes eles acham que o equipamento vai arrebentar com eles, então a gente fala do certificado europeu, certificado internacional, dos KNs, explica o que é o KN, quantos quilos suporta aquela fita, por que ele tá com dois, então a gente dobra os meios de segurança e passa segurança pra ele.</p>
Estratégias de motivação	<p>C4: [...] brincar um pouquinho com ele né, é, diversas brincadeiras, conversa com o cliente, dá as instruções, ele vai ficar com um pouco de receio de ir aí a gente brinca com ele, vai convencendo um pouquinho e ocorre tudo bem.</p> <p>C6: Os clientes eu costumo motivar dando exemplos de como as outras pessoas foram e como foram bem proativos e como eles se superaram.</p> <p>C9: Costumo dizer história de outros clientes que já passaram, de ser totalmente tranquilo, às vezes nós brincamos falando que já passaram crianças pequenas, já passaram idosos, criando uma coragenzinha a mais, mas a gente sempre tem um ladozinho psicólogo aí desse lado mesmo.</p>

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo principal investigar os processos de superação do medo para a realização da atividade de arvorismo e situações desencadeadoras deste estado emocional. Testar seus limites e autossuperação desligando-se do cotidiano faz com que o ser humano vivencie nas AFAN este contato com emoção. Nestas atividades o indivíduo pode experimentar situações de estresse emocional e de contemplação da natureza em si (MACHADO; BARBOSA; PEREIRA, 2008). Neste estudo, o arvorismo foi uma alternativa de busca por novas experiências sendo este vivenciado apesar dos medos que estão intimamente ligados à altura e sensação de insegurança, mas que foram superados e até desapareceram por meio do uso de estratégias de enfrentamento e motivações intrínseca e extrínseca.

A motivação intrínseca se relaciona à execução da atividade apenas pelo prazer que esta pode lhe trazer, por ser agradável e sem buscar recompensas externas, enquanto a motivação extrínseca está voltada à possíveis recompensas, reconhecimento e aprovação de outras pessoas (RYAN; DECI, 2000). Sobre a aderência da atividade, percebemos que a motivação em praticá-la suscitou a partir da observação, o desejo de busca pela aventura e vivências de emoções diferenciadas que são proporcionadas por estes tipos de atividades tão raras de serem praticadas, segundo relatos dos entrevistados. Observou-se que até antes da experiência, esta AFAN já causava certo entusiasmo nos participantes, e mesmo sem ter tido práticas parecidas durante a vida, estes já tinham algumas concepções a respeito da atividade e seus riscos.

A partir de conceitos subjetivos, surgem o risco real e o risco percebido (ENNES, 2013). Swarbrooke *et al.* (2003) explicam que existem duas categorias distintas de risco: risco “positivo”, que a pessoa pode controlar e que é percebido como um desafio, e risco “negativo”, que a pessoa não pode controlar e é percebido como perigo. Esses níveis de risco estão inextricavelmente vinculados à capacidade, à experiência e ao conhecimento da pessoa quanto à atividade de aventura.

Superar o medo foi um motivo potencializador para a aceitação do desafio, tendo esse sentimento como algo que poderia ser “quebrado” diante do enfrentamento dos percalços que levam a este estado apreensivo. Segundo Machado (2006), há três tipos de medo: medo e angústia, “medrosismo” e medo como prazer. O primeiro refere-se a mudanças, como agitação física, expectativas e pensamentos negativos ou de superação do perigo e ações. O

segundo pode ser compreendido como uma tendência ao medo, característica da personalidade observada, principalmente, na infância. O terceiro ocorre quando uma experiência de perigo e medo é transformada em excitante e estimulante.

Inicialmente, as principais expressões que representavam a busca pela AFAN, eram “curiosidade” e “ansiedade”, já descritas por Bahia e Sampaio (2007) que esta atividade tem sido crescente e parece consolidar-se, com novos praticantes, ou, pelo menos, novos “curiosos” por conhecer tais práticas. Os relatos de ansiedade por vezes somaram aos de medo. Neste estudo, tais sentimentos mantiveram relações próximas ou complementares, visto que em algumas ocasiões a ansiedade era citada antes da prática e após a prática tomou um caráter de medo. Para Carnicelli Filho (2007), esse estado ansioso encontrado em iniciantes será diferente da ansiedade encontrada nas pessoas que já praticaram a modalidade, justamente pelo fato do desconhecido ser marcante nas vivências ansiosas do cotidiano.

Entre os sentimentos advindos da prática, o medo se manifestou através de reações psicofisiológicas, nas quais os participantes conseguem descrever alguns aspectos que este sentimento causou, como tremores e frio na barriga. As manifestações fisiológicas das emoções podem ser classificadas como viscerais e somáticas, sendo respectivamente uma específica para cada tipo de emoção e condicionamento pessoal e a outra como comportamental e involuntária. Essas alterações desencadeiam fenômenos, quando o medo (emoção) é ocasionado a partir do reconhecimento do perigo (cognição), a pressão sanguínea aumenta, há o débito sanguíneo, aumento da ventilação pulmonar, redução da motilidade e disponibilização de energia (HOLANDA *et al.*, 2013).

A unidade de registro “causas do medo” foi percebida pelos praticantes em razão dos aspectos específicos da modalidade, tais como a altura e instabilidade do percurso. Observou-se que os fatores ambientais tiveram algumas contribuições nesse aspecto, uma vez que o circuito se tornava mais instável em decorrência de vento forte, trazendo assim a sensação de insegurança aos participantes que tinham em mente que a qualquer hora poderia vir a se desequilibrar, não se sentindo seguro apesar de estarem com equipamentos de segurança e terem ciência da eficácia dos mesmos.

Esta sensação corrobora os resultados de Lavoura, Schwartz e Machado (2008), que constituiu o sentimento de insegurança em uma unidade de significado, tida como “emoções receosas”, pois se deduziu que o seu aparecimento está ligado ao diálogo corporal com o ambiente, que gera uma complexa produção de pensamentos, sensações e emoções, sendo apresentadas por essas práticas aventureiras fusões entre medo e prazer, preocupação e

alegria, insegurança e conforto. Estas fusões são frutos da entrada em um mundo estranho, imprevisível e desafiante.

Na categoria aspectos de enfrentamento pode-se observar que os participantes fizeram uso de algumas estratégias de *coping* para dar prosseguimento à atividade, Lazarus e Folkman (1984, p. 141) caracterizam essas estratégias como “um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os seus recursos pessoais”. Para isso, o indivíduo deve perceber o estresse, analisar suas tomadas de decisões e enfim utilizar a estratégia conveniente para o momento (COMPAS *et al.*, 2001).

A instrução dada pelo condutor foi um dos aspectos que serviu de base para determinar algumas ações. Entretanto, a estratégia de controle foi mais evidenciada, sendo caracterizada como as tomadas de decisões pensadas, sem precipitação e focadas na realização da atividade, evitando precipitar-se (AMARAL-BASTOS; ARAÚJO; CALDAS, 2015). Para isso, alguns participantes esqueciam e ultrapassavam o sentimento apreensivo que os acometiam, centrados apenas na meta traçada em busca da realização pessoal.

Utilizando-se da Escala Toulousiana de *Coping* (ESPARBÈS; SORDES-ADER; TAP, 1993) foram ratificadas as subescalas já propostas (Autocontrole; Retraimento, Conversão e Aditividade (RCA); Suporte Social, Distração Social; e Recusa) (AMARAL-BASTOS; ARAÚJO; CALDAS, 2015; TAP; COSTA; ALVES, 2005), sendo duas delas caracterizadas como estratégias negativas, chamadas de “Recusa” e “Retraimento” que não surgiram neste estudo. Portanto, acredita-se que o sucesso na atividade esteja atribuído às estratégias positivas que foram utilizadas pelos participantes.

Os condutores de turismo de aventura foram outros sujeitos foco deste estudo. Estes têm os mesmos perfis traçados por Paixão e Silva (2017), em que apesar de atuarem como instrutores ainda mantêm ocupações profissionais diversificadas, como funcionários públicos e professores atuantes em segmentos da educação básica. E isto se deve ao fato das práticas de aventura ocorrerem de maneira não sistemática (PAIXÃO *et al.*, 2010).

Há uma ligação direta com os praticantes e seus estados emocionais, pois os condutores desempenham uma função importante nesta atividade, sendo responsáveis em gerir e dar comando às atividades, tendo um papel gerencial emocional extra além de simultaneamente capacitar os praticantes como parte da aventura (HOLYFIELD; JONAS, 2003; PRIEST; GASS, 2017; SHARPE, 2005). Segundo Carnicelli Filho (2013), um condutor

que perde a capacidade de gerenciar emoções como medo e ansiedade pode ser visto como inadequado para estas atividades.

Os medos dos praticantes são perceptíveis pelas expressões corporais e algumas reações fisiológicas que os próprios praticantes já relataram. Ao perceber tais reações, de forma unânime os condutores tentam estabelecer uma relação mais próxima com os participantes, fazendo uso de sua experiência e histórias de superação, com o intuito de encorajar, buscando deixar claro que, apesar de não parecer, os equipamentos oferecem a segurança adequada para realizar a atividade. Porém, vale ressaltar que toda experiência adquirida do condutor não os resguarda do risco inerente a esses tipos de atividades (PAIXÃO; SILVA, 2017; TARDIF, 2011).

Quanto à análise do medo enquanto condutor foi possível identificar que a responsabilidade em guiar a atividade foi um dos fatores que podem influenciar diretamente no aparecimento deste sentimento apreensivo, o que gerou a unidade de registro “medo de ser insuficiente”, citada pela maioria dos condutores que temem o inesperado. Para Sharpe (2005), garantir a segurança, gerar diversão e criar um senso de comunidade são as três responsabilidades do condutor que envolvem elementos emocionais.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar os processos de superação do medo na realização do arvorismo. É possível inferir que, embora todos os participantes demonstrassem sentir medo, este sentimento não foi limitador para o sucesso da atividade, sendo inclusive utilizado como alternativa de motivação em busca de superá-lo e garantir a realização pessoal. Este sentimento foi um fator relevante, para o qual se buscou utilizar estratégias positivas para enfrentá-lo. Percebeu-se, ainda, que o medo é um sentimento essencial para a valorização da vida, pois o risco causou um estado de alerta nos praticantes.

Em relação ao condutor, apesar de também estar sob um estado de apreensão, seu modo de tratar e guiar os clientes tem sido adequado para auxiliar no sucesso da atividade. Porém se faz necessário que o mesmo esteja preparado de maneira física e psicológica para qualquer evento inesperado que possa ocorrer, e estar apto a socorrer e contornar as adversidades. Faz-se necessário ainda, que na formação dos condutores sejam abordadas formas de como lidar com situações de medo, e outras reações psicológicas.

REFERÊNCIAS

- ABETA. **Atividade de Arvorismo**. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/pt/atividades/arvorismo/>> Acesso em: 17. Jan. 2017.
- AMARAL-BASTOS M.; ARAÚJO B.; CALDAS A.C. Adaptação e validação da Escala Toulousiana de Coping a adolescentes. **Revista Portuguesa de Enfermagem e Saúde Mental**; n.14, p. 55-63. 2015. Disponível em: <<http://www.aspesm.org/index.php/revista/revista-spesm>>. Acesso em: 14. Jan. 2018.
- ARAÚJO, A. K. C. et al. O medo pré-competitivo em esportistas do taekwondo. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 16, n. 3, p.77-84, 2017.
- BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer – meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, 2007.
- BAPTISTA, A. Perturbações do medo e da ansiedade. Uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental. In I. Soares (Ed.). **Psicopatologia do desenvolvimento**. Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida. Coimbra: Quarteto, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa Turini. (org.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.
- CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.
- CARNICELLI FILHO, S. O prazer e o medo nas atividades físicas de aventura na natureza. **Dissertação de mestrado**, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2007.
- CARNICELLI FILHO, S. The emotional life of adventure guides. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 192-209, 2013.
- COMPAS B. E., et al. Coping with stress during childhood and adolescence: problems, progress and potential in theory and research. **Psychological Bulletin**, v. 127, n.1, p. 87-127. 2001.
- DUARTE, L. H. **O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil**. Dissertação de Mestrado, Escola de educação física e esporte da Universidade de São Paulo. 2008.
- ENNES, M. Os fatores de risco real nas atividades de montanhismo. **Cadernos UniFOA**, n.21, p.37-52. 2013.

ESPARBÈS, S.; SORDES-ADER, F.; TAP, P. Présentation de l'échelle de coping, in Les stratégies de coping. **Journées du Labo PCS 93**. St Criq (Actes) p. 89 -107, 1993.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Org.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 64-73, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLANDA, V. N. et al. As bases biológicas do medo: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Interfaces: saúde, humanas e tecnologia**, ano 1, v. 1, n.3. 2013.

HOLYFIELD L.; JONAS L. From river God to research grunt: Identity, emotions, and the river guide. **Symbolic Interaction**, v. 26, n. 2, p. 285-307, 2003.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Investigação do medo no contexto esportivo: necessidades do treinamento psicológico. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v.2, n.1, p.1-28, 2008.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 2, p. 119-127, 2008.

LAZARUS, R.S.; FOLKMAN, S. Stress, appraisal and coping. **New York: Springer**. 1984.

MACHADO, A. A. Psicologia do esporte: da educação física ao treinamento esportivo de alto rendimento. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, G. S.; BARBOSA, F. S.; PEREIRA, L. M. Análise descritiva das emoções encontradas durante a prática de atividade de aventura ao ar livre. **Revista Digital de Educação Física Movimentum**. Ipatinga: Unileste-MG. v.3, n.2, 2008. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/movimentum/index_arquivos/movimentum_v3_n2_machado_guilherme_barboza_filipe_2_2007.pdf>. Acesso em: 29 Dez. 2017.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

ÖHMAN, A. Fear and anxiety: overlaps and dissociations. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), **Handbook of emotions**. Nova Iorque: Guilford Press. 3. ed., p.709-728, 2008.

PAIXÃO, J. A. et al. Prática de parapente e comportamentos de risco: uma análise a partir do conceito de redoma sensorial. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 567-574. 2010.

PAIXÃO, J. A.; SILVA, M. P. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1-10, 2017.

PRIEST, S.; GASS, M. **Effective Leadership in Adventure Programming, 3E**. Human Kinetics, 2017.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. **Contemporary Educational Psychology**, v. 25, n.1, p. 54-6, 2000.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação** [Resenhas].v.6,n.1,p.383-87,2012;.Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/291/15611>>. Acesso em: 30 Out. 2017.

SCHWARTZ, G. M. **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundáí. São Paulo. Fontoura, 2006.

SHARPE, E. K. “Going above and beyond:” the emotional labor of adventure guides. **Journal of Leisure Research**. v.37, n.1, p. 29–50, 2005.

SPINK, M. J.; ARAGAKI, S.; ALVES, M. P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo aventura.**Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.1, p. 26-38, 2005.

SWARBROOKE, J.; BEARD, C.; LECKIE, S.; POMFRET, G. **Turismo de Aventura: conceitos e estudos de caso**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TAP, P.; COSTA, E. S.; ALVES, M. N. Escala Toulousiana de Coping (ETC): Estudo de adaptação à população portuguesa. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 6, n.1, p. 47-56, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PRATICANTES
PERGUNTAS REALIZADAS ANTES DA ATIVIDADE
Idade:
Grau de Escolaridade:
Sexo:
Estado Civil:
1. O que lhe levou a aderir à atividade?
2. O que você está sentindo nesse momento? Explique.
3. Como você define Medo?
PERGUNTAS REALIZADAS DEPOIS DA ATIVIDADE.
4. Quais foram as dificuldades encontradas durante a prática?
5. Em relação à atividade, você está sentindo (sentiu) medo? Explique ?
6. Caso tenha sentido, nesta atividade, o que pôde lhe causar mais medo?
7. Que fatores foram primordiais para dar continuidade/finalizar a atividade?
8. Em outra oportunidade, faria novamente esta atividade?

2- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS CONDUTORES
Idade:
Grau de Escolaridade:
Sexo:
Estado Civil:
1- Há quanto tempo atua nesta área?
2- O que você entende por medo e como distingue ele de outro sentimento apreensivo?
3- Qual sua reação quando percebe que o cliente está com medo?
4- Quais seus medos enquanto instrutor?
5- Como costuma motivar seus clientes?
6- Como costuma acalmá-los?

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar do estudo intitulado: “A prática do arvorismo como alternativa de superação do medo”.

Objetivos do Estudo:

Investigar o processo de superação do medo para a realização da atividade de arvorismo e situações desencadeadoras deste sentimento.

Coleta de Dados:

Será realizada através de uma entrevista semiestruturada após uma breve explicativa sobre os objetivos da pesquisa e os métodos a serem utilizados.

Possíveis benefícios e riscos:

Benefícios: O estudo sobre o medo e as práticas de aventura ampliará discussões a respeito das emoções neste cenário, bem como compreenderá os fatores norteadores da prática podendo contribuir então para estudos futuros.

Riscos: A realização da entrevista oferece risco mínimo à integridade física e psicológica dos voluntários. Destaca-se que não há despesas pessoais aos participantes, nem compensação financeira relacionada à participação.

Informações adicionais:

Caso você concorde em ser voluntário desse estudo, é importante salientar que você dispõe de total liberdade para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir antes, durante e depois da pesquisa, procurando a pesquisadora, graduanda **Dayselene Sousa da Silva** no endereço eletrônico **dayselenesousa@hotmail.com**, pelo telefone **(91) 98832-3847**; ou o orientador e pesquisador responsável, o **Prof. Dr. Daniel Alvarez Pires**, no endereço eletrônico **danielpires@ufpa.br**. Todos estão livres para recusar a participação na pesquisa, sem penalidades ou constrangimento. Todos os dados e a identidade dos voluntários serão mantidos em sigilo. Somente o pesquisador responsável terá acesso às informações, que serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e publicação científica.

Não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários (as). Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade dos pesquisadores.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
voluntariamente, aceito participar do estudo intitulado, “A prática do arborismo como alternativa de superação do medo”, a ser realizado pela discente Dayselene Sousa da Silva, graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Castanhal. Estou ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Concordo com o que foi citado e dou o meu consentimento.

Assinatura do (a) Voluntário(a)

Local e data

Assinatura do Pesquisador Responsável
Prof. Dr. Daniel Alvarez Pires